

Educação a distância: algumas questões

Voltolini, Rinaldo

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Voltolini, R. (2009). Educação a distância: algumas questões. *ETD - Educação Temática Digital*, 10(2), 123-139.
<https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-71780>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer Free Digital Peer Publishing Licence zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den DiPP-Lizenzen finden Sie hier:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

Terms of use:

This document is made available under a Free Digital Peer Publishing Licence. For more Information see:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: ALGUMAS QUESTÕES

CDD: 371.39445

Rinaldo Voltolini

RESUMO

Neste texto trabalhamos, segundo a psicanálise, os aspectos da presença-distância e o de centralização no aluno, inerentes ao processo de educação a distância. O interesse é o de abordar a inserção da educação a distância no contexto mais amplo, que a torna uma alternativa de destaque para a educação, em consonância com o sintoma social atual, legível pela fórmula lacaniana do Discurso do Capitalista. Destacando desta fórmula o que ela permite ler acerca da relação de primazia do sujeito sobre o objeto, característica de nossa época, procuramos entender como o apoio imprescindível que a EAD realiza sobre os objetos tecnológicos, capazes de lhe dar a dignidade que ela alcançou nos dias atuais, reflete sua consonância com este sintoma social

PALAVRAS-CHAVE

Presença; Distância; Sintoma social; Encontro; Centrado no aluno

DISTANCE LEARNING: SOME CONSIDERATIONS

ABSTRACT

In this text we work with, according to psychoanalysis, the aspects of presence-distance and the centralization in the student, inherent to the process of distance learning education. The interest is to discuss the insertion of distance learning education in a wide context, which makes it a distinguished alternative to education, in accordance with the current social symptom, legible through Lacan's formula of the Capitalist Discourse. Underlining from this formula what it permits to read about the relation of primacy of the object over the subject, characteristic of nowadays, we aim to understand how the indispensable support that distance learning education has on technological objects - capable of giving it the dignity it has reached these days - reflects its consonance with the social symptom.

KEYWORDS

Presence; Distance; Social symptom; Encounter; Student-centered

A chamada educação a distância (EAD) é sem dúvida um produto fortemente característico de nosso tempo. Em que pese sua origem poder ser remontada a épocas muito remotas como as cartas de Platão, ou ainda mais modernamente a educação por correspondência, iniciada já no final do século XVIII e com grande desenvolvimento durante o século XIX, é com o empuxo tecnológico que ela se firma como tal, ganhando notoriedade para além de um recurso entre outros que pretendem viabilizar um processo educativo.

Poucos discordariam de que é com o advento e desenvolvimento de novas tecnologias, tais como o rádio (lembramos, por exemplo, da fundação do Instituto Rádio Monitor, no Brasil em 1939 e do Instituto Universal Brasileiro em 1941), inicialmente, e depois a televisão, mas, sobretudo, com a informática que a EAD se configura e se afirma como processo educativo a ser considerado entre as alternativas de atendimento à população.

Dando novo corpo aos anseios de universalização do ensino, com potencial de resposta à carência de acesso através de implementação em larga escala e também às necessidades de atualização profissional, é na década de sessenta que ela ganha visibilidade como alternativa de ensino.

Afinal, estas tecnologias avançam em relação aos processos anteriores de comunicação a distância com a chegada da *voz e da imagem* do professor (elementos de sua corporeidade) a lugares que sua presença não poderia, por razões diversas, chegar, daí seu traço identitário: *a distância*. Certamente que se pode ver numa troca de correspondências, por exemplo, usada como um recurso de ensino, a marca do elemento a distancia, mas a viabilização da presença destes componentes corpóreos deu a este processo sua verdadeira notoriedade.

Justificada, fundamentalmente, por seu utilitarismo e pelo compromisso *politicamente correto* presentes em sua perspectiva, tem produzido, ao seu redor, uma literatura predominantemente propagandística, marcada pela defesa em si da proposta e a descrição das tentativas de implementação.

As discussões sobre sua pertinência e ideologia são, em geral, evitadas por aqueles que são seus defensores e que assumem, assim, uma postura mais militante do que científica.

Mas a militância também se mostra em seus detratores para os quais a EAD desperta certos fantasmas que, aliás, cumpre ressaltar, não nascem a propósito dela, apenas são ressuscitados por ela. Trata-se do risco de substituição da figura do professor por um aparelho que cumpriria sua função e a conseqüente perda de qualidade do processo educativo.

Em nenhuma definição da EAD pode-se encontrar qualquer defesa desta substituição ou mesmo uma desvalorização de seu papel, entretanto, em que pese a particular posição que estes fantasmas, como, aliás, ocorre a todo fantasma, possam tomar em relação àquilo que define a EAD, eles persistem como se constatassem no encampamento galopante deste processo o presságio do fim do professorado.

Receio que se alimenta do interesse crescente da iniciativa privada pelo uso do processo com fins claros de otimização de recursos gastos (afinal, ali onde a equação era a de um professor para atender 60 alunos agora passa a ser de um professor para quantos alunos o sistema comportar) com contratação de docentes e que, convém ressaltar, é concebível, senão como probabilidade, como possibilidade no processo em si que configura a EAD.

A alegada e defendida necessidade do professor, seja na produção, seja na execução da educação a distância será inerente ao processo, ou dela se poderá prescindir dependendo dos interesses que a subjazem? Uma tal pergunta se torna pertinente no mundo dos utilitarismos que é o nosso, onde qualquer coisa que prove uma utilidade tende a apagar qualquer discussão de princípio.

Não é só, nem fundamentalmente por se apoiar nos produtos tecnológicos recentes que a EAD é um legítimo produto de nosso tempo, tal como alegávamos acima, mas, principalmente, por encarnar este fantasma de *apagamento do sujeito pelo objeto*, típico de nossa época tão bem caracterizada, como veremos na seqüência deste estudo, pela fórmula lacaniana do Discurso do capitalista.

Lembremos, de passagem, o papel que teve a psicanálise na consideração do fantasma não como distorção banal de uma suposta realidade verdadeira, alheia e externa a ele, tal como configura seu entendimento geral pelo senso comum, mas, ao contrário, como suporte, substrato desta mesma realidade.

Neste termos, analisar um fantasma não é corrigir sua suposta distorção, mas averiguar a tendenciosidade de suas linhas de força, porque elas apontam aquilo com o que nos identificamos.

Reconsiderar o peso do fantasma nas produções sociais traz, entre outras vantagens, a de evitar as posições ingênuas que acreditam no poder de conscientização através da melhor informação.

Amada ou odiada, de qualquer modo ainda pouco refletida, a EAD parece seguir um périplo comum às perspectivas que vão emplacar independentemente de qualquer reflexão, comparável, por exemplo, aquele que Clavreul (1983) constata a propósito da literatura que reflete a medicina. Para ele, nenhuma reflexão crítica, ainda que pertinente, parece ser capaz de concorrer contra o utilitarismo contido em tal proposta. Os *milagres* que ela parece realizar (no caso da medicina, lembremos do efeito ágil de um analgésico, por exemplo, ou da amplitude da população atendida, por exemplo, no caso da EAD) são mais persuasivos que os efeitos colaterais que ela eventualmente acarrete. Daí sua propriedade para encarnar nosso fantasma contemporâneo.

Apesar deste destino inelutável este estudo se insere na perspectiva reflexiva dos efeitos colaterais, mas também dos alvejados pela EAD, com a expectativa típica dos psicanalistas, talvez desmesuradamente pretensiosa para este caso, de que a interpretação pode desencadear uma mudança de posição e deslocar o trajeto de um destino que pareceria inelutável.

Pretendemos avaliar as vicissitudes ideológicas deste processo, não no sentido estritamente marxista do termo, mas tal como ele é explorado pela perspectiva psicanalítica e bem demonstrado por Žižek (1992) conjugando a posição discursiva com a do gozo

À primeira vista, poder-se-ia crer que o que é pertinente numa análise da ideologia é somente a maneira pela qual ela funciona como discurso, a maneira como o conjunto dos significantes flutuantes é totalizado, transformado num campo unificado pela intervenção de alguns ‘pontos de basta’; em suma a maneira como os mecanismos discursivos constituem o campo da significação ideológica. (...)
Na ideologia, ‘nem tudo é ideologia (isto é, sentido ideológico)’, mas é precisamente este excesso que constitui o derradeiro esteio da ideologia. (p. 121-122)

Esta perspectiva, bem definida por Zizek, aponta para o que a psicanálise tem chamado de *sintoma social*. A categoria de Sintoma social implica em considerar a pertinência do impacto da dinâmica inconsciente naquilo que se produz nos laços sociais.

A Psicanálise conserva sua especificidade quando aborda os problemas sociais estabelecendo uma perspectiva de análise específica:

A psicanálise, quando aborda o sintoma social, mantém sua especificidade: não é uma prática dos consertos duvidosos ou aparente e tristemente exitosos. Ao contrário, o analista se preocupa em apontar o real que funda o sintoma, ou seja, o inconciliável que o sintoma esconde em uma vã tentativa de conciliação. A aposta é simples: só para quem encara o insolúvel seja talvez possível, não devaneio de alguma solução, mas algum ato. (POMMIER, 1989, nota da orelha do livro)

Assim sendo, destacaremos o atrelamento da EAD à produção tecnológica e suas vicissitudes contemporâneas, bem como às ideologias educativas que lhe antecedem, com as quais ela não parece romper epistemologicamente, confrontando com o que a psicanálise permite levantar de discussão sobre o assunto.

CIÊNCIA, TECNOLOGIA E OBJETOS

Os *gadgets* vencerão? pergunta-se Lacan (1998) com um tom irônico que mescla uma convicção na resposta afirmativa a uma ressalva, fartamente prudente, relativa ao suposto prêmio advindo desta vitória.

Freud (1996) já havia advertido sobre a ambigüidade dos resultados do progresso: o que se ganha de um lado perde-se de outro, de tal modo que ficamos realmente em dúvida se devíamos manter esta noção, com toda sua valoração positiva que comemora a superação de um estágio mais precário. Certamente as coisas mudam, mas será que elas progridem?

A pergunta lacaniana, mais diretamente que a observação freudiana, põe em relevo, desde o ângulo que é dado à psicanálise abordar, a marca distintiva de nossa época, a contemporânea, hipermoderna, pós-moderna, seja qual for a cifra que escolhemos para denominá-la, qual seja: *a da primazia do objeto sobre o sujeito*.

Os *gadgets* são aquele gênero de objetos que atestam bem isto. Criados pela ciência para o mercado são concebidos para *inventar sujeitos que o necessitem*. Sim, dado que o máximo da operação capitalista não está em criar objetos que atendam a demandas pré existentes (mas será que existem demandas pré existentes?), mas, antes, em criar demandas e seus respectivos sujeitos.

Nesta pequena operação, fulcral para o capitalismo, o objeto fabricado torna-se, graças a uma certa fetichização, um complemento para o sujeito, feito *sob medida* para ele, reservando-lhe, por obra desta operação, o status de *público alvo*.

A ciência, alienada de sua dimensão investigativa, longe de seu impulso inicial de convulsionar o mundo com suas indagações (basta nos lembrarmos do exemplo clássico de Galileu e seu questionamento do firmamento), encontra agora sua legitimidade nos serviços oferecidos ao mercado. Se antes coube-lhe derrubar um sistema, agora lhe caberia reforçá-lo.

Mas que os *gadgets* vençam quer dizer também, e principalmente, que perdemos o poder de controlar o movimento deles, ou seja, que eles ganham uma autonomia em relação a nossa vontade, *a criatura suplantando o criador*.

O filme de Stanley Kubrick “2001, a Odisseia do espaço” retrata bem o momento em que a máquina, criada pelo homem, deixa de receber ordens e toma o comando da nave. Um outro filme, do mesmo autor, “Inteligência artificial”, conta a história de um garoto-robô construído pela ciência e comercializado em escala industrial, comprado por uma família para aplacar a dor da mãe que chorava a morte iminente de seu único filho. A uma certa altura o garoto começa a não se comportar do modo como ele fora desejado, dando provas de uma autonomia sentida como ameaçadora que lhe valeu o abandono no bosque, feito Édipo, abandonado a sua própria sorte, dada a ameaça que ele passou a representar exatamente por não seguir a risca a programação que lhe fizeram.

Não precisamos, contudo, para evidenciar o afirmação da primazia do objeto sobre o sujeito, nos deter somente em exemplos de ficção científica, mesmo sabendo que eles não fazem senão anunciar o que já está de algum modo em curso na realidade social em que são concebidos, mas podemos evocar também, o destino incerto de várias descobertas da ciência que acabaram por tomar rumos nada imaginados em seu momento de origem.

O controle da radioatividade não tardou a servir a fins bélicos, muito distantes dos anseios de seu próprio viabilizador, que nada pôde fazer diante dos usos de sua descoberta.

O próprio fato de que se tornou necessário criar um comitê de ética para avaliar e disciplinar os usos e progressos da ciência, demonstra bem como os objetos que ela cria podem desenvolver uma autonomia em relação a seus criadores.

Que a máquina criada pelo homem passe a comandá-lo é apenas uma metáfora do filme para ilustrar uma dialética do sujeito com o objeto que sempre existiu, mas que agora se aprofunda a tal ponto em nossa época que merece ser designada como primazia do objeto sobre o sujeito.

Mesmo que se objete que não se trata aqui de autonomia em relação ao criador, uma vez que são ainda os homens, com seus interesses, que manipulam os tais objetos e não são manipulados por estes, podemos sustentar a afirmação da criatura suplantando o criador. A crer nesta objeção seria necessário escamotear o fato de que os tais interesses sofrem alterações desde a entrada em circulação de um novo objeto criado pela ciência.

Um certo liberalismo teria nos convencido acerca da autonomia do homem em relação às suas criações e no poder de libertação de qualquer determinismo.

A idéia de que certas descobertas da ciência *caíram em mãos erradas*, por exemplo, não faz senão retomar este velho preconceito liberal, típico da ilusão de liberdade acalentada pelo imperialismo americano, de que tudo se resolveria corretamente bastando que os objetos estivessem em boas mãos. Quer dizer, seja em mãos boas ou más, tratar-se-iam de mãos de todo modo livres para manipular o objeto na direção que bem lhes aprouver, sem que nada deste objeto lhe impusesse um limite, um impossível.

O que queremos salientar é que mesmo que se possa e que se deva fazer uma discussão sobre os usos de um determinado objeto criado pelo homem, a sua própria criação já introduz no mundo uma diferença, que altera as relações existentes antes dele e de cuja dimensão aquele que o criou não pode controlar seus efeitos. Isto, embora sempre foi verdadeiro, é particularmente mais verdadeiro em nossa época caracterizada hegemonicamente pelo discurso do capitalista, segundo fórmula forjada por Lacan (*ibidem*, 1998)

A velocidade atual da criação de novos objetos e seu derramamento no mercado, exigindo seu consumo, nunca teve precedentes a altura. O que veio primeiro, o telefone celular ou as conversas inadiáveis, que são, supostamente, *a razão* de sua invenção?

Certamente haviam pessoas que pensassem, antes mesmo do advento do aparelho, que se existisse algo parecido lhe seria bem útil, mas é a invenção do aparelho que faz milhares de pessoas precisarem dele: *um objeto criando um sujeito que lhe necessita*.

Desenvolvido, ainda que minimamente, o contexto que ilustra nosso sintoma social, configurável, como esperamos ter demonstrado, pela primazia do objeto sobre o sujeito, legível, entre tantas outras coisas, na fórmula lacaniana do discurso do capitalista, podemos nos perguntar: o que a EAD tem a ver com isto?

A primeira pista, já dada na introdução deste estudo, remete à relação intrínseca entre os objetos tecnológicos criados recentemente, que permitem a chegada da voz e da imagem a lugares distantes (lembramos que o próprio prefixo “tele”, de televisão, indica a distância) e a ebulição de propostas de educação a distância surgidas na esteira deste processo.

Mas veremos também que sua inserção fundamental neste sintoma é mais sutil exigindo uma análise mais fina para identificar suas amarras.

A EAD E O SINTOMA SOCIAL

É nas décadas de setenta e oitenta, segundo Nunes (1994) que começa um esforço de definição da EAD pelo que ela é e não pelo que a distingue da modalidade presencial, certamente dado seu crescimento e a constatação de que muitas práticas estranhas a ela se alinhavam em torno deste nome de modo a confundir sua definição.

Segundo Perry e Rumble (1987, *apud* NUNES, 1994) o que caracteriza a EAD é o estabelecimento de uma comunicação de dupla via, afastando assim os meios que tentam se valer deste nome para inserir recursos auto-referidos, como: “ (...) um livro ou fascículo destes que se intitulam ‘faça você mesmo’; um texto isolado de instrução programada; uma programação insulada de rádio ou um programa assistemático de televisão.”

Nunes destaca também um estudo de Keegan (1991) que reúne várias definições que levantam os elementos decisivos da especificidade da EAD.

Para Dohmen (1967, *apud* KEEGAN, 1991) é uma forma *sistematicamente organizada de autoestudo*, em que o aluno se instrui desde o material de estudo previamente estabelecido para este fim. A supervisão destes estudos ficaria ao encargo de um grupo de professores.

Já Peters (1973, *apud* KEEGAN, 1991) destaca a aplicação da divisão de trabalho e de princípios organizacionais, ressaltando o que ele chama de uma *forma industrializada de aprender*.

Para Moore (1973, *apud* KEEGAN, 1991) trata-se de um conjunto de métodos instrucionais onde *as ações dos professores são executadas a parte das ações dos alunos*, ainda que possam eventualmente se encontrar.

Um primeiro elemento comum a todas estas definições, e que parece apontar de maneira interessante o viés distintivo da EAD em relação ao ensino dito convencional, é a recuperação da perspectiva de uma educação *centrada no aluno* e não mais na figura do professor.

Será de acordo com suas necessidades e com seu ritmo que este ensino progredirá. Ainda que a figura do professor deva estar presente, seja na confecção do material de trabalho, seja no acolhimento às dificuldades que aparecem ao aluno no caminho, é a dinâmica imposta pelo aluno, em sua relação com a disciplina e com o material que a veicula, que é o centro do processo.

O elemento *a distância*, embora destacado no nome do processo não é o melhor definidor de sua especificidade. A distância quer dizer, primeiramente, que se dá sem a presença do outro de quem se está separado espacial e temporalmente.

Como tal está presente em diferentes graus em todo ensino mesmo no dito convencional. Quando lemos um autor que já morreu, por exemplo, a dimensão do *a distância* está flagrantemente presente, ainda que só um dos lados possa ser afetado pela presença do outro.

O fato freqüente de mencionarmos certos autores como se ainda estivessem vivos e presentes (Freud diz, ou Marx diz que...etc.) indica uma atualização da presença de alguém, apesar do tempo que nos separa dele.

A tessitura da memória, tal como a psicanálise a teorizou, implica considerar que as dimensões do tempo e do espaço não podem mais ser pensadas de maneira fisicalista.

A oposição presença-distância vacila em demarcar a diferença entre estas modalidades de ensino, exatamente por que está calcada num empirismo ingênuo que, desconsiderando as vicissitudes do psiquismo humano, entende presença como presença física, espacial e temporalmente.

A simples coabitação espaço-temporal, entretanto, não é capaz por si mesma de indicar presença, na medida em que presença implica interferência, o que pode não haver entre pessoas que estão face a face, mas não implicadas entre si.

Em contrapartida, é possível haver interferência e, portanto, presença, sem que haja coabitação, graças ao fato de que dependemos menos de nossos sentidos do que de nossa imaginação, uma vez que as instâncias do simbólico e do imaginário, tipicamente humanas, separam a coisa da imagem ou conceito que temos dela, o que altera a maneira como somos, por ela, afetados.

O gesto banal, cotidianamente repetido, de conservar por perto uma foto de quem se ama, por exemplo, mostra bem a capacidade humana de *evocar presença* ali onde ela é fisicamente impossível.

Evidentemente que não é mesma coisa a presença evocada pela foto e a presença física, mas articular presença e distância como opostos simples e absolutos é ingênuo.

Tanto os espíritos afoitos pela defesa da EAD e que tendem a desconsiderar o peso desta diferença, quanto os pesadelos apocalípticos que vêem nela o fim do presencialismo na educação, tirariam um bom proveito de uma revisão deste empirismo ingênuo através de uma melhor teorização desta oposição presença-distância.

Mais do que no elemento *a distância*, no que a EAD parece realmente se assentar é no ensino centrado no aluno uma vez que a interação deste com o professor será sempre disparada pelo material previamente elaborado, em relação ao qual este tem que funcionar como facilitador.

O ENSINO CENTRADO NO ALUNO: INDIVIDUALISMO E CISÃO DO ENCONTRO

Concebido de acordo com as linhas de força da pedagogia contemporânea, excessivamente psicologizante, “O” aluno, sobre o qual o ensino deve centrar-se, supostamente escapando assim da centralização no professor, típica do ensino tradicional contra o qual a pedagogia contemporânea se insurge, é uma entidade abstrata, forjada a partir das teorias psicológicas tal como foram apreendidas pelo discurso pedagógico.

A centralização no aluno, embora seja um termo cunhado originalmente por Carl Rogers em sua teorização sobre a educação que, aliás, cumpre-se ressaltar, é derivada diretamente de sua teoria clínica (daí a psicologização evidente), não é exclusividade deste autor.

Reflete, na verdade, todo o espírito da pedagogia contemporânea, desde a que se alimentou de uma certa leitura de Piaget para forjar um construtivismo pedagógico, que defendeu a idéia de uma adequação do ensino às fases e ritmos individuais, por exemplo, até os impactos que as teorias de Rogers e Skinner tiveram sobre a reflexão pedagógica nesta mesma direção.

Esta psicologização implica que o aluno seja visto em sua individualidade e o ensino passa a ser coordenado por ela, acarretando uma conseqüente desvalorização dos conteúdos e das relações com os outros.

O laço com os colegas e com o professor, relegado à noção simplista de socialização, é subvalorizado quanto ao impacto que possa ter no campo mesmo da aprendizagem.

Uma noção como a de transferência, por exemplo, cunhada pela psicanálise para indicar o impacto que a figura do outro com o qual me relaciono no momento causa em mim, dada a herança que ela carrega de relações passadas, conservadas como protótipos no nível inconsciente, é completamente desconsiderada, ficando o progresso da aprendizagem, segundo esta perspectiva pedagógica recente, condicionado pelo *exercício do sujeito debruçado sobre o material de trabalho*.

Esta característica é central, como víamos acima, para a EAD.

Daí a relevância de um outro elemento comum a todas as definições da EAD acima citadas: o apartamento entre aluno e professor

Bem expresso na formulação de Moore, acima citada: as ações dos alunos são executadas *a parte* das ações dos professores.

Quer dizer, em momentos estanques em que cada um está auto referido.

Esta situação de apartamento em momentos estanques tende a empalidecer o que é da ordem do contato com o outro, não porque o contato não exista, ele existe a medida em que há comunicação, mas porque ele é mediatizado, *centrado no material produzido*.

O ensino vai ganhando, assim, cada vez mais, um contorno de *execução* de um material programado.

A própria formulação de Peters, também acima citada, de ensino industrializado, para se referir à EAD, reforça esta tendência de um processo em série, feito, portanto, segundo regras de uma lógica interna ao produto, mais do que através da interação imediata com o outro.

Assim como na lógica industrial, ocorre neste processo uma divisão do trabalho entre os que elaboram e os que executam. “A produção massiva de materiais auto-instrucionais implica uma clara divisão do trabalho na criação e na produção, tanto intelectual como física dos materiais” (NUNES, 1994, p.10).

Assim sendo, a EAD assume, em comparação com a modalidade convencional do ensino, uma característica de muito maior programação.

Talvez resida aqui a principal questão a ser levantada com relação a EAD. Não é a oposição presença- distância que a melhor define, mas, antes, sua tendência incomparavelmente maior do que a do ensino convencional em anular *o encontro*, este elemento que implica inevitáveis desvios de rota em relação ao programado e que é tão presente no ensino convencional, uma vez que aí os processos de ensino e de aprendizagem são simultâneos.

O encontro comporta o imprevisível, mas também o criativo, a solução em cima da hora, aquela que leva em consideração uma série de elementos e não apenas a pergunta organizada de um aluno transmitida a posteriori pelo recurso tecnológico.

O encontro é o maior indicativo da *presença*, já que alguém se move, ri da minha piada, faz uma expressão com o rosto que inclina meu modo de pensar em outra direção, enfim, sinais de uma riqueza que o contato contém e que me permitem *desviar da rota pelo encontro*.

O excesso de programação industrial presente na EAD não chegaria a pôr em risco as vicissitudes do encontro?

Aqui se poderia objetar que os recursos tecnológicos já evoluíram o bastante para corrigir inclusive esta ausência de simultaneidade no contato e que é possível, por exemplo, agregar em *tempo real* dezenas de pessoas que, assim sendo, podem interagir simultaneamente, sem precisar da distância de tempo acima discutida, inclusive permitindo a interação entre os alunos e não só do professor com o aluno. Afinal, há sempre uma voz para nos lembrar o que a ficção científica não cessa de representar nas telas, ou seja, que as máquinas caminham cada vez mais para reproduzir a forma humana.

Mas conseguirão realizar tal desígnio? Neste caso particular, poderá uma máquina reproduzir sem prejuízo algum o encontro característico da educação?

Isto o tempo nos dirá, mas, por enquanto, segue sendo discutível este empreendimento que para realizar-se e afirmar-se como tal depende de uma operação que reduz a corporeidade a seu equivalente imagético, voz e imagem, ou ainda por vezes, a escrita na tela.

Outro interessante produto das telas, feito para o universo infantil (mas lembremos que, em geral, estes filmes atingem mais o universo infantil contido em todo adulto, do que propriamente a população de crianças) é o “*Wall-e*”.

Um pequeno robzinho construído pelos homens e que restou na terra após o abandono da espécie humana de seu planeta por falta de condições de habitação, derivadas dos acidentes ecológicos provocados pela exploração humana.

Os humanos, exilados de seu planeta, navegavam há séculos a bordo de uma aeronave a espera de que a Terra voltasse a ter condições habitáveis. Para saber se já havia dado o tempo mandavam pequenos robzinhos averiguar a presença de oxigênio. A vida nesta aeronave era totalmente *artificial*. Toda a comunicação era midiaticizada e se dava por intermédio da tecnologia, apesar das pessoas estarem confinadas a um espaço mínimo que lhes obrigavam o contato físico inevitável. Flutuavam em *personal*-poltronas, carregadas de todo luxo e conforto, que continham um computador particular por onde todo o contato com o outro era realizado e surpreendiam-se quando as poltronas se chocavam estabelecendo um mínimo de contato corporal. O enredo alude a uma modificação da estrutura física da espécie em função destes hábitos de vida, numa clara metáfora sobre a corporeidade posta fora de questão. Afinal os corpos não eram mais necessários, haviam se tornado um problema, um obstáculo para a existência.

De novo a ficção científica retratando o que já se encontra em curso no tecido social.

Há uma questão que o avanço da tecnologia coloca sobre a corporeidade, uma vez que ela avança no sentido de substituir o encontro, que inclui corporeidade (lembremos do peso das pulsões na interação humana), pela artificialidade (afinal depende de uma artifício criado pelo homem) do contato pela imagem.

Restaria ainda uma última indagação acerca do nome dado ao processo: EAD.

Vimos como o termo *a distância* designa mal a especificidade deste processo, embora figure como sua marca registrada.

O termo educação parece também se adequar mal para definir este processo, na medida em que o que ocorre parece ter mais a ver com instrução. Seja porque centrado na informação, mais do que na formação, seja porque de enfoque predominantemente andragógico (voltado para adultos a medida que exige um tipo de maturidade para operar o material de trabalho que as crianças não tem exigindo acompanhamento).

A manutenção do termo educação no nome, não representaria, por acaso, nossa tendência atual, característica do processo de industrialização, de reduzir educação à instrução?

Confundir tais registros é confundir o continente e o contido. A educação tem um caráter mais *subjetivante*, é um processo mais geral que inclui aquisição de hábitos de convivência de uma dada cultura, além de informações precisas sobre os objetos que existem nela. A instrução, por sua vez, tem um caráter mais *objetivante*, voltado para as informações necessárias para um determinado campo.

O risco maior aqui é de cedermos às pressões de um mundo que cada vez mais simplifica as coisas para melhor geri-las e o preço, como sabemos, é o da redução drástica da densidade da experiência.

REFERÊNCIAS

- CLAVREUL, J. **A ordem médica: poder e impotência do discurso médico**. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1983.
- FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 1996. (v.21)
- KEEGAN, D. **Foundations of distance education**. 2. ed. Londres: Routledge, 1991.
- LACAN, J. **O seminário: livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro, RJ: J.Z.E., 1998.
- NUNES, I. B. **Noções de educação a distância**. Disponível em: <<http://www.rau-tu.unicamp.br/nou-rau/ead/document/?view-3>>. Acesso em: 17 dez. 2008
- POMMIER, G. **Freud apolítico?** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- ZIZEK, S. **Eles não sabem o que fazem**. O sublime objeto da ideologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

RINALDO VOLTOLINI

Psicanalista, Professor Doutor em Psicologia, leciona Psicologia e Psicanálise na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Brasil), Departamento de Filosofia e Ciências da Educação e Laboratório de estudos e pesquisas psicanalíticas e educacionais sobre a infância (LEPSI);
E-mail: rvoltolini@usp.br

Recebido em: 15/01/2009
Publicado em: 30/06/2009